



## **EU, MEUS EUS E VOCÊ**

por Vânia Guerra

Olá, como vai?

Parece até música, mas não é. Você não me conhece, mas conheço você.

Tu me vês como um vulto. É que estou de luto.

Mas não fico calada, estou revoltada com medo de ficar isolada.

Também tenho medo do teu parecer.

Às vezes acho que sou uma cobaia, se queres saber, sou a Marambaia!

Sou Sino, sou Sítio, Pescaria Velha, Praia do José, Caetana, Caju.

Sou João Manoel, Praia Grande, Praia do Kutuca, Praia do Cadim,

Praia da Armação ou Praia da Restinga, Prainha e Praia da Costa.

Praia Suzi, ou melhor, Praia Suja, tanto faz.

Já que os africanos assim falavam, isso me compraz!

Eu tenho coragem, mas estou indefesa e tanta tristeza não dá melodia.

Parece poesia, mas dor no coração não dá boa canção.

Já fui importante! Tão dona de mim.

Alcansei o progresso, sinônimo de sucesso, depois regredi:

Já tive tecelagem, escola de pesca, sub-prefeitura, correio, convento,  
hospital equipado e biblioteca;

Jardim de infância, armazém, armarinho, restaurante, banda de música;

Fábrica de esterco feito de peixes, também estaleiro.

De lembranças da fábrica de sardinhas em conservas,

só restaram os coqueiros.

Te garanto que o que restou, foi tão pouco pra tanto que possuía

E até meus filhos, querem levá-los daqui!

Eu sou: Seu Balbino, Joãozinho do Sino, Benedito Firmo, Zé Domingos.

Sou Aníbal lá de cima do canto, sou Sebastião e João dos Santos.

"Dos Santos" Felipe e Benedito;

"De Sant'Ana , também sou.

Altoribe, Cacílio, Abílio, entre outros.

Tanto sou Marianos, daqui e de acolá.

Sou tantos Josés e Marias, que preciso te contar!

Mas, todos esses, sem exceção,

Têm o mar como sustento dos pés e o peixe como pão!

Suas escolas foram as praias, seus lápis as agulhas, as redes como cadernos, como professor a imensidão do céu, da fome, da pobreza, da ansiedade e do amor pelo mar.

Com a imensidão vieram os seus auxiliares: vento, chuva e frio.

Mas passaram nas provas, hoje são doutores, doutores sem gravatas, sem ternos de linho ou de outro tecidos.

São doutores de pés descalços, roupas às vezes com remendos, barba por fazer e cabelo sem corte.

Mas são doutores!

Sou também Luzias negras, lindas, sem manchas, como as noites são em mim! São Luzias santas, que rezam, que plantam, que colhem, que cantam.

Sou Almerinda, Marcelina, Maria Aparecida, Antônia, Margarida.

Jardelina, Rute, Tacira.

Sou de meia idade, sou Vânia, entre outras sou Marias:

do Amparo, Santana, da Conceição, das Graças, de Lourdes.

Agora sou menino.

Menino Ademar, Jonatah, Welvis, Jhone, Rafael, Vinícios.

Sou Mariana, Renata, Eliziane,

Sou Tamires, sou Tainara, sou Luíza.

E isso me faz pensar no futuro.

Mas que futuro?

Minhas esperanças teimam em existir e fazer notar:

Lembro que vem aí o ano 2000,

Quando vou passar a ser

Raquel, Núbia, Geriel, Victor Emanuel, Erikson.

O anúncio da chegada da Cristal e da Thayane me chega aos ouvidos.

Aí mesmo é que o medo, o desânimo, perdem a largo pra esperança,

Reforçada com a pequena Cassiane que me chegou em dezembro.

É por isso que preciso gritar: me deixem continuar a existir,

Não permitam que eu caia.

A quem interessar,

Atenciosamente,

Marambaia.

(Essa poesia começou a ser escrita no mês de janeiro de 1998 e somente foi concluída em 26 de dezembro de 1999, com a chegada de Cassiane, minha sobrinha, e com a notícia do nascimento próximo de Cristal, minha neta).

## **Construtoras do Brasil**

por Vânia Guerra

Ave mulher,  
que espalha perfume,  
que a todos confunde.  
Salve menina,  
Que não quer crescer, nem envelhecer.  
És bendita, cheia de vaidades,  
que não quer saber de saudades.

Salve rainha sem coroa,  
sem manto, nem diamante,  
que acorda cedo para trabalhar.

Ave Maria da Penha, das Graças, das Dores,  
Do Carmo e por aí afora.

Salve rainha do nosso lar  
que casou com meu pai e me deu irmãos  
Ave cheia de amor, que ao João, José , Jorge e Joana gerou.  
Ave mãe, rogai por nós, seus meninos,  
seus Jesus pequeninos, peregrinos, sozinhos,  
maltrapilhos sem destino.

Ave cheia de bondade e humildade,  
Rogai por nós, anjos caídos em teus braços,  
Emitindo gemidos misturados a teus soluços sentidos,  
Aumentando o teu suplício.

Ave cheia de dor,  
que nem em pé se agüenta,  
pois já chegou aos setenta.

Ave avó,  
com tanta experiência,  
trazida pela vivência,  
rogai por nós.

Rogai por nós, santas mães,  
tantas outras mães,  
para que sejamos dignos de ser  
chamados de teus filhos,  
por termos nascido de santas.

Santa, acima de todos: mãe  
acima de tudo: mulher.